



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

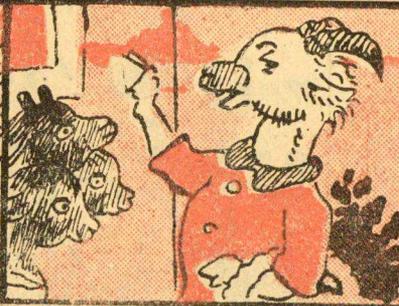
DE SANTA

RITA

## A RAPOSINHA MATREIRA E OS CABRITINHOS



1 - Cabrinhã Mé-mé vivia num curral, cercado dum gradeamento, com seus filhinhos, três cabritinhos estouvados.



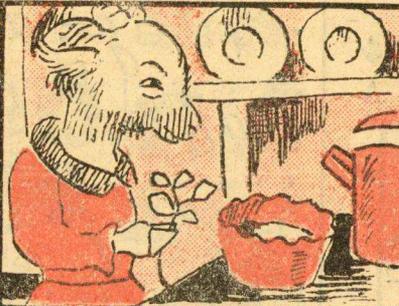
2 - Um dia, tendo de ir as compras, com seu cestinho debaixo do braço, a Cabrinhã Mé-mé recomendou aos filhos que nunca abrissem a portinha gradeada do curral.



3 - Durante a sua ausência, os cabritinhos viram aproximar-se a D. Raposinha-matreira, a qual, dentro em pouco, os convidava para um grande baile infantil!



4 - que ia dar no dia seguinte mas recomendou-lhes que nada dissessem à Mãe, pois que ela se oporia. Porém, quando a Cabrinhã voltou, os cabritinhos contaram-lhe tudo.



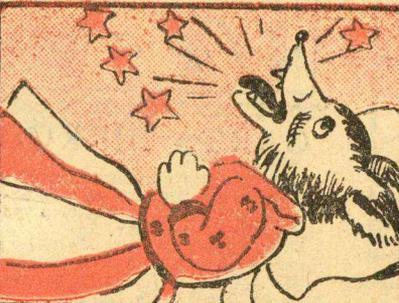
5 - A Cabrinhã Mé-mé, percebendo as intenções da Raposinha, disse-lhes que fôsem mas que deveriam levar-lhe de presente, um pudim que ela ia preparar.



6 - E tendo feito um pudim de ortigas, pimenta e cardos, deu-o aos cabritinhos, para lho oferecerem.



7 - A Dona Raposinha-matreira recebe-os efusivamente e, mal vê o pudim, devora-o com sofreguidão, disposta a fazer o mesmo aos cabritinhos.



8 - Mas, sentindo a boca a arder, rebola-se com dores horríveis.



9 - Então, a Cabrinhã Mé-mé, que havia seguido os cabritinhos, muito sorridente aparece, a-fim-de acompanhar os filhos a casa, sãos e salvos!



# O CONTO DA PÁSCOA

POR MANUEL FERREIRA

**S**ENTADA junto do fogão que dava à sala um calor agradável, a tia Helena, que regressara há pouco de longes terras, embevecia o Necas e a Leonor.

Enquanto ouviam a boa senhora, os pequenos esqueciam as suas habituais traquinices. Pareciam outros!

O que ela lhes contara já, santo Deus! Visitara muitos países e informara-se das lendas, tradições e costumes das terras que percorrera.

Depois de jantar, antes de irem para as suas caminhas, os pequenos extasiavam-se com o que a boa senhora lhes contava.

Nessa noite, D. Helena, jubilosa, começou:

— «Em Roma, fui a uma biblioteca muito notável. E calculem o que eu lá fui encontrar?»

— «Não, não sabemos. Algum livro, algum quadro bonito?...» — respondeu o Necas que, a-pesar da sua pouca idade, era muito apreciador das artes.

— «Isso sim. Encontrei uma carta.»

— «Uma carta?» — perguntou, incrédula, Leonor.

— «Sim, uma carta escrita pelo romano Públio Lentula, governador da Judeia, acêrca de Nosso Senhor Jesus Cristo...»

— «Ah! — disseram os pequenos, surpresos — Conte, tia, conte...»

A boa senhora tirou duma pequena gaveta um papel e disse:

— «Calculem lá que eu, tão longe, não me esqueci dos meus meninos. Copiei a carta. Começa assim...»

— «A quem é dirigida?» — interrompeu o Necas.

— «Ao César romano. Ouçam:

«Soube, ó César, que desejavas informações acêrca dêsse homem virtuoso, que se chama Jesus Cristo, o qual é tido pelo povo como um profeta...»

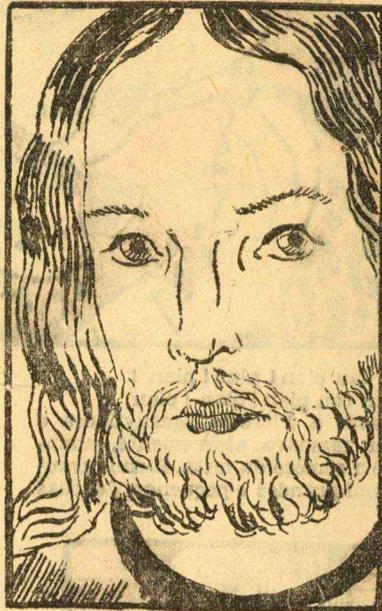
— «O que é um profeta?» — perguntou a pequenita.

— «É o homem que adivinha o futuro.» — explicou D. Helena.

E continuou:

... «e pelos discípulos dêle, como sendo o filho de Deus, criador do Céu e da Terra. Declaro-te, César, que todos os dias se ouve contar dele coisas maravilhosas. Em poucas palavras: Ele ressuscita os mortos e cura os enfermos.

«É homem de mediana estatura e a sua fisionomia revela meiguice e, ao mesmo tempo, tal dignidade que, ao olhar-se para Ele, cada qual se sente obrigado a amá-lo e a temê-lo ao mesmo tempo. O seu cabelo, até à altura das orelhas, é da côr das searas, quando maduras, e, daí até aos ombros, é



ouro muito claro e brilhante! Tem-o apartado ao meio por um risco, ao uso dos nazarenos.»

Necas e Leonor ouviam, interessados, a leitura da tia. Esta continuava:

«A barba é da côr do cabelo, crespa, não muito longa e também dividida ou seja apartada ao meio. Os olhos parecem os raios do sol e ninguém pode encará-lo de frente; quando faz censuras, inspira receio mas, em seguida, chora; até no seu rigor é afável e benévolo!

«Dizem que nunca o viram rir e antes chora frequentes vezes. As mãos e os braços são duma grande beleza. Tôda a gente acha a sua conversação muito agradável e sedutora.»

— «Devia ser — observou Leonor. — Por isso conseguiu converter muita gente e ter muitos apóstolos.»

«É raro vê-lo em público mas quando aparece é sempre com grande modéstia. O seu porte é muito distinto. É muito bonito e a Mãe dele é a mulher mais formosa que, até hoje, apareceu nesta terra...»

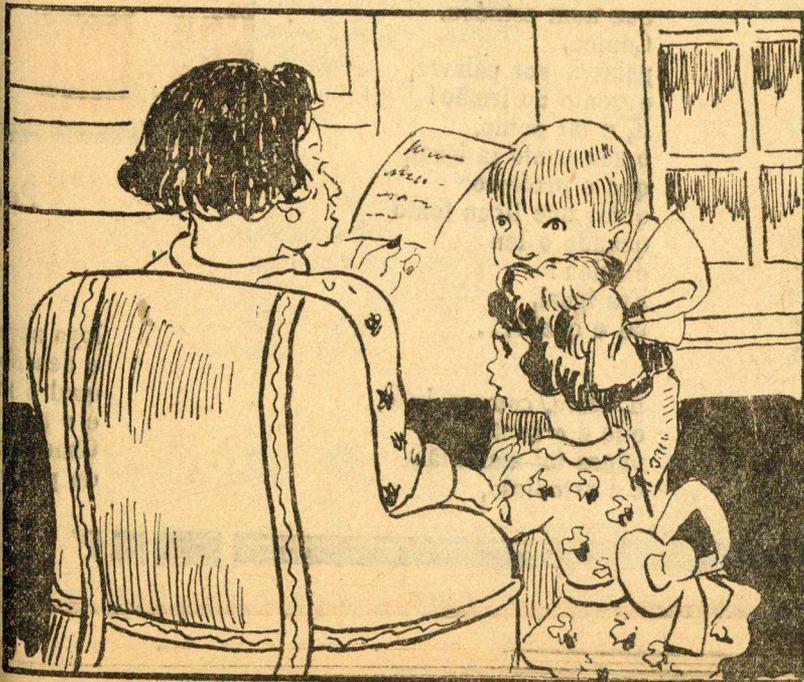
— «Era Nossa Senhora...» — interrompeu o Necas.

«Se o queres conhecer, como mandaste dizer na tua carta, eu enviá-lo-ei aí. A-pesar-de nunca ter estudado, conhece todas as ciências. Anda com a cabeça descoberta e quasi descalço. Muitas pessoas, quando o vêem ao longe, riem-se dele, mas, quando se aproximam e estão na sua frente, então tremem e admiram-no!»

A tia Helena finalizou a leitura e perguntou:

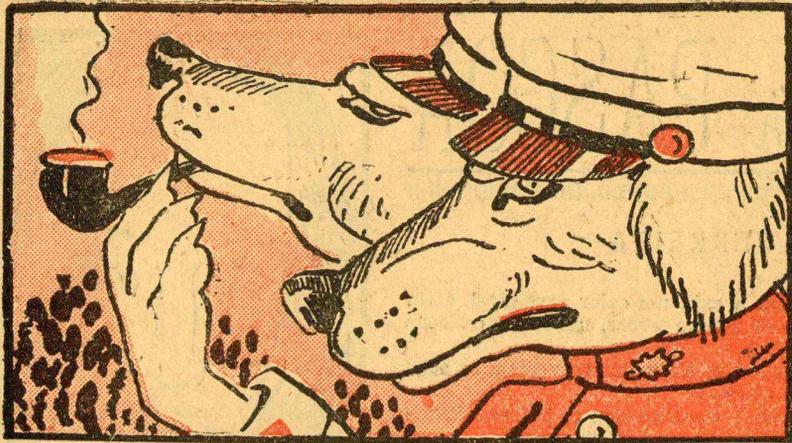
— «Então, gostaram do conto-zinho de hoje?»

— «Oh! se gostámos. Assim, conhecemos melhor a beleza e a bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Quem nos dera viver nesse tempo, para receber a sua bênção.» — retorquiu Necas, entusiasmado.

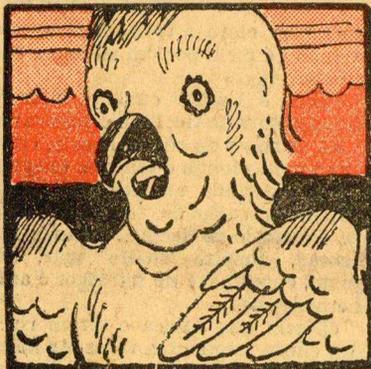


# UMA FESTA ES NA FLORES

Por LEONOR



**R**AN tan plan! plan! plan!  
Ran tan plan! plan! plan!  
Através a Floresta Maravilhosa o tambor ressoava alegremente, anunciando o comêço da festa. Bichos grandes, semi-grandes e pequenos, de todas



as cores e feitios, corriam apressados para a Clareira-Mór da Floresta, no fito de alcançarem melhor lugar. E compreendia-se a ansiedade da bicharada!... A festa prometia ser

estupenda!... O programa, cuidadosamente escolhido era soberbo!...  
Ran tan plan!... Plan! Plan!...  
Ran tan plan!... Plan! Plan!...  
O palco fôra armado junto ao Castanheiro Velho. Fazia um vistão, todo florido e engalanado!

A bicharada, sem distinção de raças, comprimia-se no espaço reservado aos espectadores. De vez em quando lá se ouvia um grito:

—«Ai que me pisaram a cauda!...»  
Ou então:

—«Ó da guarda!... Roubaram-me uma banana!...»

Mas aquilo não tinha importância!... Acudia logo a guarda florestal —dois valentes cães da Serra da Estrêla, com um colar guarnecido de bicos de ferro— e o berreiro cessava.

Acomodada, bem ou mal, tôda a bicharada, um enorme sino se fez ouvir:

—«Tlão!... Tlão!... Tlão!...»

E logo surgiu no palco o organizador da festa, o senhor Periquito.

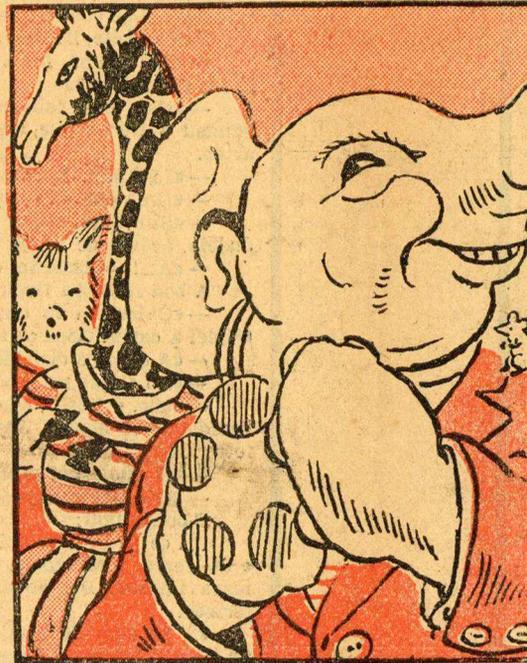
Uma grande salva de palmas o acolheu. E o senhor Periquito começou assim o seu discurso:

**O** professor,  
em certa ocasião,  
marcara um ponto escrito,  
ao Carlitos e ao irmão,  
sôbre o assunto: — «O meu cão.»  
Então, Carlitos, aflito,  
sem saber o que fazer  
e temendo algum engano,  
o manhoso  
pediu ao mano,  
que é estudioso  
a valer,  
p'ra lhe ensinar  
a fazer o exercício.

E é tal o vício  
do mandrião,

que nem estudou.  
Copiou,  
palavra por palavra,  
o ponto do irmão!  
E, a tal ponto,  
o seu ponto ia igual,  
que o professor  
quási que ficou tonto  
quando o leu  
e releu!  
Era igual,  
tal e qual!...

E, claro, como o João,  
que é o irmão,  
nunca foi mandrião  
e é estudioso,



## Era uma vez um

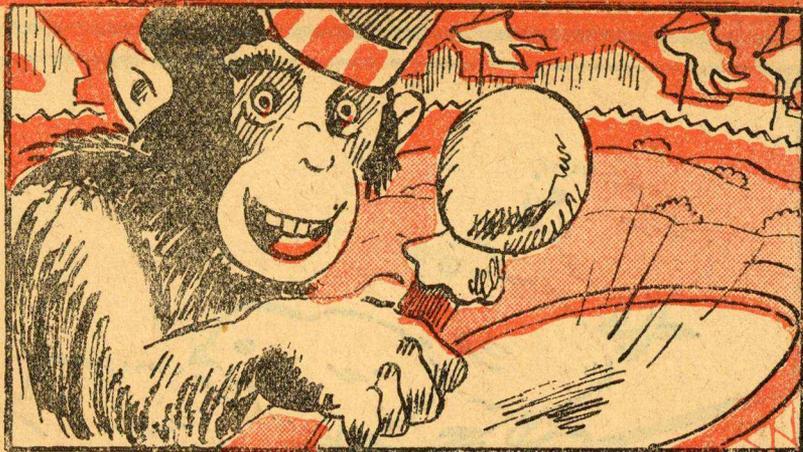
Por ANIBAL NAZ

logo se viu  
e descobriu  
qual o manhoso  
e o preguiçoso...  
Chamado ao pé da mesa  
do professor,

# STUPENDA ESTA

NOR DE CAMPOS

«Por quem é!... A honra é toda  
a!...» — interrompeu o Mico,  
garoto.  
Ah!... Ah!... Ah!... — riu a  
ência...



— «Schiu! Silêncio!...» — iacraram  
os guardas.

E, de novo tudo silencioso, o Periquito  
continuou, muito atrapalhado:

— «... Sim... a presença... porque...  
como ia dizendo... quero dizer... como  
já disse... o que eu digo...»

— «Muito bem! Muito bem...» —  
gritou uma grande parte da bicharada.  
E logo desatou tudo a dar palmas e a  
berrar:

— «Viva o Periquito!... Viva... a...  
a...»

Em vista de manifestação tão entu-  
siástica, o Periquito resolveu acabar ali  
mesmo o seu discurso. Fez algumas  
vérias, à esquerda e à direita, e reti-  
rou-se para bastidores:

Surgiu, depois, no palco, o senhor  
Pulgão. Cumprimentou a assistência e  
falou assim:

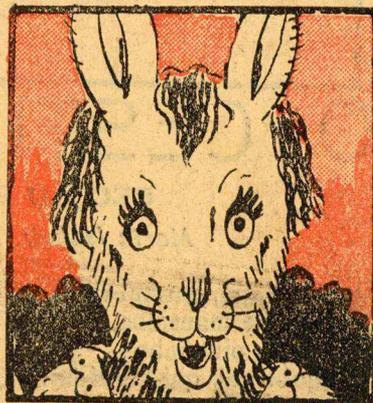
— «Tenho a honra de apresentar a  
Vossas Bichezas, as minhas filhas Pul-  
guinhas, ilustres artistas da *troupe*  
Pulguinhas e Companhia...»

E, fazendo sinal para dentro, afas-  
tou-se um pouco, para dar lugar às  
filhas... As meninas Pulguinhas come-  
çaram a entrar. Entrou uma, depois

outra e mais outra e outra ainda e  
ainda mais e nunca mais acabavam...

— «Basta! Basta!...» — gritaram  
alguns espectadores.

— «E essas pulgas são todas do mesmo  
cão?» — indagou uma voz trocista.



Logo os guardas, de dentuças arre-  
gançadas, desataram a ladrar.

— Ao! Ao! Ao!... Quem foi o engra-  
ço?

(Continua na página 7)



cão...

o Carlitos, sem firmeza,  
pôs-se muito encarnado,  
afogueado,  
cheio de calor!

E quando este lhe diz:

— Escuta, petiz!

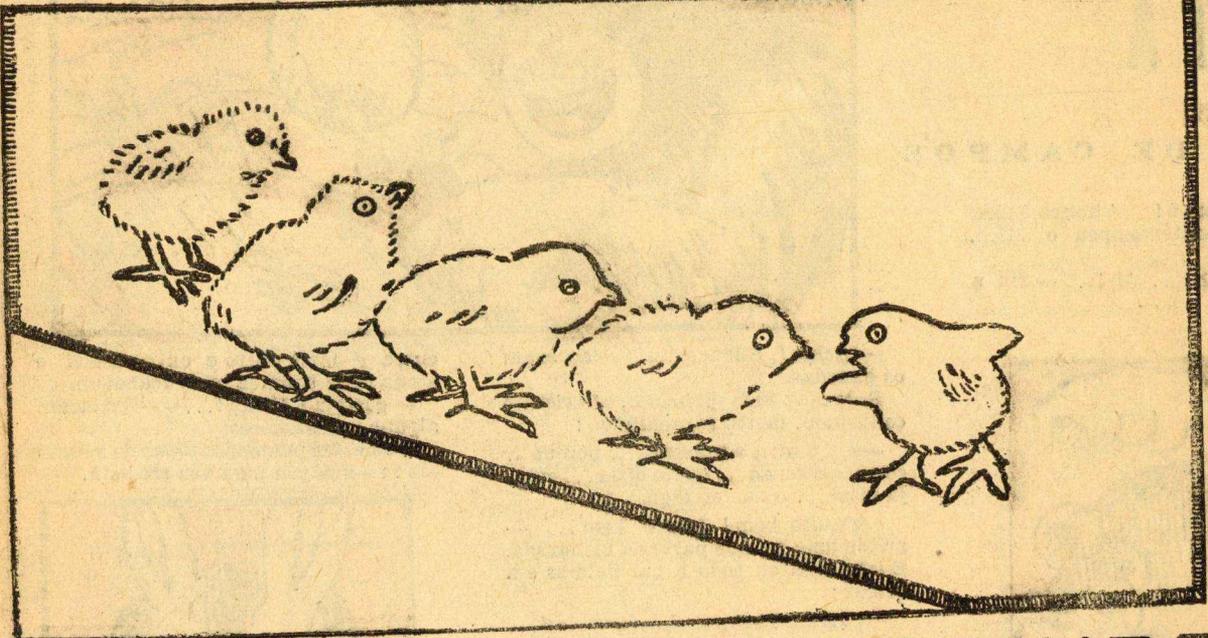
O exercício  
que me entregaste,  
sobre «O meu cão»,  
é tal e qual,  
igual, igual,

ao do João!  
Vê, meu rapaz,  
que explicação  
é que me dás,  
p'ra eu pensar depois...!

E o Carlitos  
com modos muitos aflitos!

— E' que... o meu cão  
e o do João  
é de nós dois!  
E'... o mesmo cão!...

F I M



# O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA NENINAS — Por ABELHA MESTRA

*Maria Isabel:*

Qui-qui-riqui, qui-qui-riqui...  
Pia, pia de mansinho,  
Pia, pia o pintainho:  
Qui-qui-riqui, qui-qui-riqui!

Coube, hoje, a vez de satisfazer o teu pedido e, assim, aí tens uma interessante enfiada de pintainhos pequeninos, mi-

mosos e amarelinhos, um verdadeiro encanto para bordar neste saquinho.

Mas... que digo eu?

Todos amarelinhos, não.

Esse último, o que está com um ar tão aflito a piar, esse, de preto é que tu o irás bordar.

Empregas o ponto de cadeia, começando pelo contôrno e continuando, sempre, o bor-

dato, até o pinto estar completamente cheio.

O traço, que representa o chão, é verde.

O *picot* do saquinho também é dessa côr.

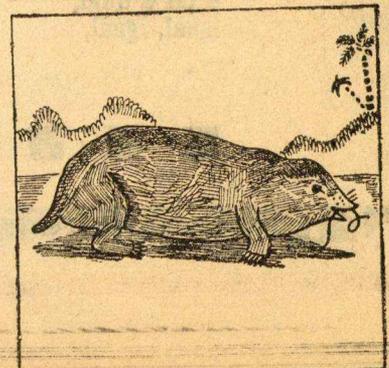
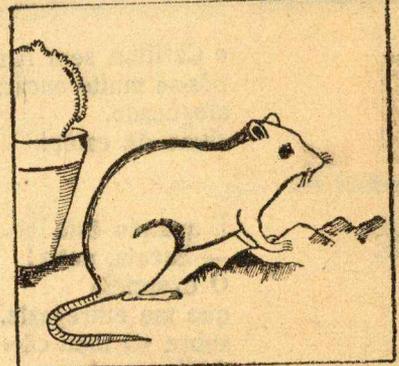
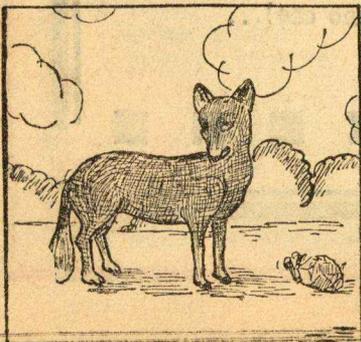
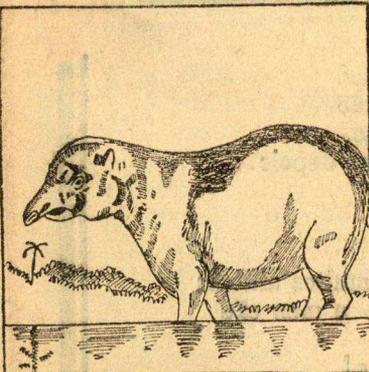
Recebe um abraço da

Tua amiguinha

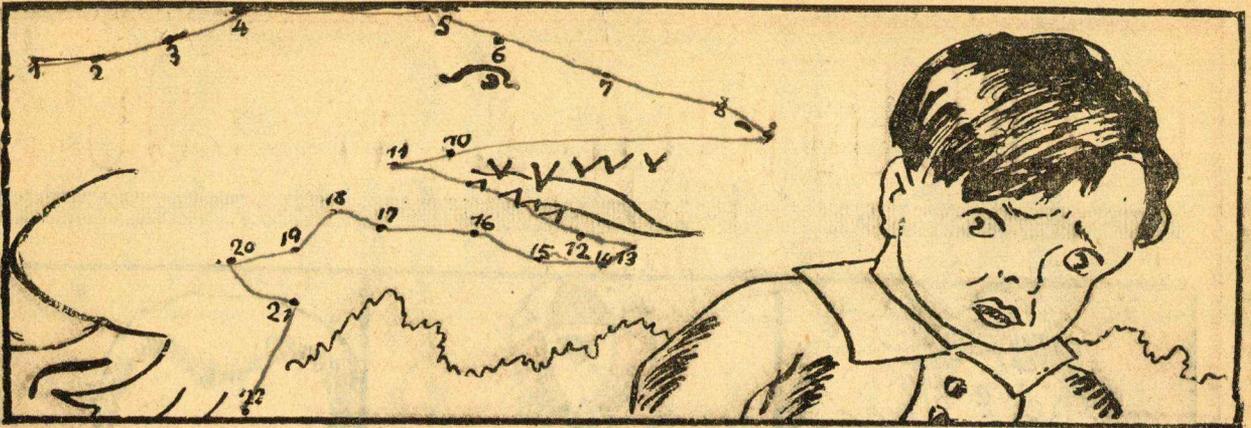
ABELHA MESTRA

## CONCURSO DOS BICHOS

A fim de valorizarmos as cadernetas dos nossos amiguinhos concorrentes, resolvemos aumentar o número de desenhos representativos dos bichos que figurarão no grande Concurso, até ao fim do corrente mês, data em que êle terminará.



# A DIVINHA-PROBLEMA



Meus mentinos: — Vejam se descobrem, unindo os pontos com um tracejado, de que bicho foje este menino

gado? Vai já para a cadeia!... Ao!... Ao! Ao!...

Mas, como ninguém se descobriu; os guardas acalmaram e as Pulguinhas puderam começar o seu número. O senhor Pulgão tornou a aparecer à boca da cena e disse:

— «As ilustres Pulguinhas, minhas filhas, vão cantar e dansar o fandango...»

E as pulguinhas principiaram:

As manas Pulguinhas  
Dansam o fandango  
Alegre, animado,  
Mais lindo que o tango  
Trá lá lá  
Trá lá lá  
Moda como esta,  
Ai não há! não há!...

— «Oh marido! — gritou a Cegonha, muito espevitada, dirigindo-se ao senhor Cegonha. — Dá cá o binóculo, para ver as artistas...»

— «Schiu! Schiu!... Cale o bico!...» — ordenou um dos guardas.

E as Pulguinhas continuaram:

A saltitarem  
Dum pr'a outro lado,  
Dansam o fandango  
Que é melhor que o fado!...  
Trá lá lá lá  
Trá lá lá  
Moda como esta,  
Ai não há! não há!...

— «Bravo!... Bravo!...» — gritou a assistência, entusiasmada, aplaudindo com frenezi.

E as pulguinhas, depois de agradecerem os aplausos, retiraram-se, acompanhadas pelo papá Pulgão.

Apareceu depois a distinta recitallista dona Coelha Contelha

Ouviram-se muitas palmas. E logo a dona Coelha exclamou:

## ONDE ESTAS, FELICIDADE?

VERSOS DO GRANDE POETA LEBROIDE PALERMOIDE

Encontraram-se na rua o gatinho e a gatinha.

## Uma festa estupenda na floresta

(Continuação da página 5)

Ele, amável, forte e terno.  
Ela, meiga, bonitinha.

Com lambedelas e mios de ternura e afeição, juraram ser sempre amigos, como nessa ocasião.

Casaram. Infelizmente, pouco durou o consórcio!... Porque, tão mal se entendiam que pediram o divórcio!...

E hoje chora a gatinha, chora o gatinho também a felicidade perdida!... Podiam viver tão bem!...

Mas o destino cruel Quebrou-lhes os corações... Adeus, vida alegre e boa!... Adeus, lindas ilusões!...

— «Muito bem! Muito bem!...» — exclamaram alguns espectadores, a baterem palmas com todo o calor.

Mas a maior parte estava tão comovida que só ao fim de algum tempo, pôde recuperar a serenidade.

— «Ai, compadre! — exclamou a senhora Perua, arrancando uma pena ao Pinto calçudo. — Que versos tão lindos, tão sentimentais!... E ela recita-os tão bem!...»

— «E' verdade que sim! — respondeu ele. — Mas lá por isso, não há necessidade da senhora comadre se depenar!...»

Entretanto a senhora Coelha Contelha agradecia as palmas, atirando beijos a assistência.

Era chegado agora o último número da festa. Veio adunçá-lo o senhor Periquito;

— «Atenção!... Atenção!...»

Vão ter o prazer de ver e ouvir o Bailarico da Floresta pelo cantador Grilo Gri Gri, dansado pela Grande Companhia das Borboletas Vermeilhas!...

E apareceu no palco o célebre cantador, seguida pelas bailarinas. Recebidos com extraordinários aplausos, enquanto as Borboletas formaram roda, Grilo Gri Gri principiou a cantar:

Oh que lindo bailarico  
P'ra cantar e p'ra dansar!...  
Siga a roda, siga a roda!...  
Cada qual tome o seu par!...

Cada qual tome o seu par  
Asa e asa; bico e bico...  
Tudo canta, tudo salta,  
Tudo baila o bailarico!...

O entusiasmo atingiu o rubro!... Todos os espectadores aclamaram delirantemente os artistas.

— «Bis!... Bis!...» — pediram alguns.

— «Bis!... Bis!...» — repetiram todos.

E Grilo Gri Gri torrou a cantar:

Oh que lindo bailarico  
P'ra cantar e pr'a dansar!...

— Mas nesta altura, talvez comovido pelos aplausos, o cantador foi atacado por soluços. Os soluços eram tantos e tão fortes, que quasi o impediram de cantar. Mas não desistiu. Com soluços e tudo, continuou:

...Siga a roda... siga a roda...  
Cada qual... tome o seu... par!...

Cada qual... tome o... seu par  
Asa e... asa... bico e... bico...  
Tudo... canta!... Tudo... salta!...  
Tudo... baila o... bailarico!...

Ninguém estranhou os soluços do cantador. Todos supuzeram que aquilo fazia parte do programa e mais ainda se entusiasmaram.

— «Que moda engraçada!... Nunca se viu nada mais patusco!...» — roncava o Elefante, a rir, a rir como um louquinho, enquanto o resto da assistência aplaudia, rindo também.

E pouco depois a bicharada dispersava no meio de vivas e gargalhadas!...

— «Vivam os artistas da floresta!... Vivam... am!...»

# O ZEQUINHA E AS FOCAS



I — Zéquinha tem uma tia, tão avarenta a sujeita, que toda a gente dizia: — é uma *foca* perfeita.



II — No Coliseu, certo dia, Zéquinha viu uma foca equilibrando na bôca uma bola, com mestria.



III — Mal a festa terminou, na noite daquele dia, Zéquinha pede ao avô que o leve a casa da tia.



VI — E ao chegar lá, diz Zéquinha: — «Tia, faça como a foca, equilibre esta bolinha em cima da sua bôca.»



V — «Mas, minha cabeça louca, — (volve a tia com espanto) — eu cá não sou uma foca!» Torna o Zéquinha, entretanto;

VI — «Ah isso é, tia Emília, pois tenho ouvido dizer, a toda a nossa família, que a tia é foca a valer.»